



3ª Catequese: “O SACERDÓCIO APOSTÓLICO”

Introdução

Não é possível compreender a Igreja, sem esta forma especial de presença de Cristo nela, querida por Ele próprio, que é o sacerdócio apostólico, hoje presente no ministério sacerdotal dos Bispos e dos Presbíteros.

A Igreja é um dinamismo histórico, que parte de Jesus Cristo, vive de Jesus Cristo e com Jesus Cristo que age nela através da força do Seu Espírito e vai ao encontro de Jesus Cristo que, na Sua glorificação, está à direita do Pai, presidindo como Pontífice eterno, no Santuário definitivo, à Liturgia Celeste.

Este dinamismo histórico de redenção da humanidade, foi anunciado e preparado no Antigo Testamento, mas ganha a sua forma definitiva com Jesus Cristo, na sua pregação do Reino de Deus, na oferta da Sua vida por nós, na Sua ressurreição em que inaugura, para a humanidade, a fase gloriosa da caminhada da humanidade. A partir da glorificação de Cristo, na ressurreição dos mortos, a caminhada da humanidade processa-se em duas etapas convergentes: a vivência da renovação realizada em Jesus Cristo, no tempo e na história, de que a Igreja é o rosto visível, e a etapa definitiva, na Casa do Pai, onde Cristo nos espera como Bom Pastor. Em cada uma destas etapas a expressão principal é a mesma, o louvor digno da Santíssima Trindade, prestado pela humanidade agora reunida em Povo de Deus, tendo como único Pontífice Jesus Cristo. Este Povo de Deus tem dois rostos: o rosto histórico, o da Igreja, constituído por aqueles que Cristo uniu a Si Mesmo, pela fé e pelo baptismo e que vencem todos os dias o pecado com a força do Espírito de Cristo, e o rosto da assembleia dos bem-aventurados, a celebrarem a Liturgia eterna, a que preside Cristo ressuscitado como Sumo Sacerdote.

Depois da ressurreição é esta assembleia dos bem-aventurados que é o contexto próprio para Cristo exercer o Seu Sacerdócio. Ele entrou, uma vez por todas, no Santuário eterno. Mas Ele é o único Sacerdote, preside também à assembleia terrestre, pois só Ele a pode encaminhar, como Bom Pastor, para a bem-aventurança eterna. E aí só o pode fazer através daqueles que escolheu para presidirem em Seu nome.

❖ *Ler o nº 48 da **Lumen Gentium***

1. A escolha dos 12 Apóstolos

1.1. Escolheu 12, aos quais deu o nome de Apóstolos (Lc. 6,12-13). Os 12 evocam as 12 tribos de Israel. O Senhor pensa na Igreja como o novo Israel, o novo Povo. O Apocalipse, falando da Jerusalém Celeste, descreve-a como Cidade assente sobre doze colunas, e em cada uma delas está gravado o nome de um dos 12 Apóstolos do Cordeiro (Apc. 21,14).

Chama-lhes Apóstolos, isto é, enviados (**1er Mc. 3,13-19**). Aparecem duas qualidades queridas por Jesus: devem estar junto d'Ele, em íntima convivência; devem ser enviados.

1.2. É uma escolha de Jesus, um chamamento: "chamou a Si aqueles que Ele queria" (Mc. 3,13). "Não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos constituí para irdes e dardes muito fruto" (Jo. 15,16). É este chamamento que os constitui Apóstolos. Não é Apóstolo quem quer, mas aqueles que o Senhor quer e chama. Ao longo dos séculos este é um elemento a garantir que é Cristo quem conduz a Igreja.

1.3. Ao longo da Sua vida pública Jesus vai-os fazendo participar no Seu ministério: envia-os a anunciar o Reino de Deus, preparando-os para os tempos da Igreja em que eles tornarão presente Cristo, na totalidade do Seu poder sacerdotal.

Para compreendermos a relação da missão dos Apóstolos com a missão de Jesus, ajuda-nos verificar que já no Antigo Testamento há uma instituição chamada **Shaliah**, que parte do seguinte princípio: o que é enviado tem o mesmo poder daquele que envia. É mais do que um delegado ou um representante. É por isso que Jesus diz aos Apóstolos: "Quem vos escuta, escuta-me a Mim; quem vos despreza, despreza-me a Mim" (Lc. 10,16). "Como o Pai Me enviou, também eu vos envio a vós" (Jo. 20,21).

À medida que avança a sua missão, Jesus vai-lhes explicitando que eles têm o mesmo poder que Ele. "A quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Jo. 20,22ss).

Na Sua Páscoa, explicita-lhes os principais poderes para estarem plenamente, em nome d'Ele, na Igreja. Na Ceia Pascal, dá ao Seu sacrifício pessoal, que se aproxima, a qualidade do sacrifício definitivo da nova Aliança, que Ele continuará a oferecer na Igreja, através deles. "Fazei isto em Minha memória" (Lc. 22,19). E já depois da ressurreição, ao ritmo do Espírito, explicita-lhes outro poder que só Ele tem, como Filho de Deus: "A quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Jo. 20,22ss).

1.4. Os 12 Apóstolos garantem a continuidade da salvação e da sua actualidade em cada tempo, até ao fim. Já vimos que o número de 12 sugere a continuidade com o Antigo Testamento. Eles garantem, sobretudo, a continuidade entre a missão terrena de Jesus e a Sua ressurreição em que se inaugura o tempo definitivo. Este é o critério para a escolha de Matias, para preencher o lugar de Judas: alguém que tenha acompanhado Jesus desde o início e que tenha sido testemunha da Sua ressurreição (**Act. 1,22ss**) – (ler texto).

A explicitação da missão dos Apóstolos fica completa, com as palavras que Jesus lhes dirige antes da Ascensão:

"Os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado, e, vendo-o, o adoraram; mas houve alguns que tinham duvidado. Aproximou-se-lhes Jesus e falou-lhes nestes termos «foi-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, ensinai todas as

gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo» (Mt. 28,16-20)

O horizonte da missão é universal: destina-se aos homens de todos os tempos e até ao fim dos tempos. Vê-se que Jesus queria que eles escolhessem sucessores.

❖ *Ler o nº 19 da **Lumen Gentium***

1.5. Como aconteceu com o próprio Jesus, o Novo Testamento não aplica aos 12 Apóstolos a linguagem sacerdotal. O assento é posto na continuidade da missão de Jesus. nunca eles se consideraram membros da classe sacerdotal. Mesmo aos seus sucessores, aos quais, pela imposição das mãos, os Apóstolos comunicam a missão, São Paulo chama-lhes, de preferência "anciãos" (presbíteros) ou "vigilantes" (bispos). São Pedro e São Paulo, nos seus escritos, só chamam sacerdotal a toda a Igreja, novo Povo Sacerdotal. Mas este tema será tratado noutra Catequese.

2. A Sucessão Apostólica

2.1. Como vimos em Mt. 28,16-20, a universalidade da missão supunha que a missão dos Apóstolos era continuada.

❖ *Ler o nº 20 da **Lumen Gentium***

2.2. Esses sucessores são os Bispos. Não é o número dos 12 que aumenta; é a missão que continua. Os critérios são os mesmos que Jesus seguiu para escolher os 12:

- ✓ Os que Ele quer e chama;
- ✓ A quem confere todos os poderes, pela imposição das mãos;
- ✓ A quem consagra para a missão, através da acção do Espírito Santo, garantindo a intimidade com Ele exigida aos primeiros 12;
- ✓ Que sejam testemunhas fiéis da Tradição e da fé da Igreja, desde Jesus até ao presente.

2.3. Entre cada Bispo do nosso tempo e os 12 Apóstolos, tem de haver uma cadeia ininterrupta. Se alguém que não recebeu a imposição das mãos ordenar um Bispo, essa ordenação é inválida. Nos primeiros séculos as Igrejas apresentavam como garantia da sua autenticidade a lista ininterrupta da sucessão apostólica dos seus Bispos. É o caso de Tertuliano e de São Ireneu de Lião.

❖ *Leitura aconselhada: Cardeal W. Kasper, "A sucessão apostólica como missão apostólica" do seu Livro "**Servitori della Gioia**" pp. 59ss*

2.4. A interrupção da sucessão apostólica é a grande fragilidade das Igrejas reformadas. A dúvida existe, mesmo na Igreja Anglicana.

Por outro lado, desde que esteja garantida a sucessão, a Igreja reconhece como Bispos validamente ordenados mesmo Bispos de Igrejas que se separaram da unidade da Igreja Católica: é o caso das Igrejas ortodoxas e dos "velhos católicos" e hoje dos Bispos que foram ordenados por Mons. Lefebvre.

2.5. Os 12 Apóstolos são concebidos pelo Senhor como uma comunhão apostólica. Eles são um colégio, um "eu colectivo" e é enquanto tal que recebem a missão e são a base sólida da Igreja.

Pedro é constituído como a cabeça deste colégio, a garantia da unidade na caridade.

"Ora também eu te digo: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus, e o que ligares na terra ficará ligado nos Céus; e o que desligares na terra ficará desligado nos Céus" (Mt. 16,18-19)

"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra, será ligado no Céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no Céu" (Mt. 18,18)

Poder e comunhão de amor estão interligados na missão apostólica. Desde o primeiro chamamento esses aspectos estão ligados: estar com Jesus e ser enviado. A Pedro, Jesus acentua a prioridade da relação de amor com Ele:

"Depois de comerem, pergunta Jesus a Simão Pedro: «Simão, filho de João, amas-Me tu mais do que estes?». Responde-lhe ele: «Sim, Senhor. Tu sabes que te amo!» Diz-lhe Jesus: «Apascenta os meus cordeiros». Volta a perguntar-lhe pela segunda vez: «Simão, filho de João, tu amas-Me?» »Sim, Senhor», responde ele, «Tu sabes que te amo». Diz-lhe Jesus: «Apascenta as minhas ovelhas». Pergunta-lhe pela terceira vez: «Simão, filho de João, tu amas-Me?» entristeceu-se Pedro por lhe ter perguntado pela terceira vez: «tu amas-Me?», e respondeu-lhe: «Senhor, Tu sabes tudo; tu sabes que te amo»" (Jo. 21,15-17)

Esta exigência de comunhão é a força de unidade do **Colégio Episcopal**, dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, na comunhão com Cristo e na universalidade da missão.

❖ Ler o nº 22 da **Lumen Gentium**

3. Os Presbíteros como cooperadores da Ordem Episcopal

3.1. Desde a época apostólica, os Apóstolos e os seus sucessores, impuseram as mãos a cooperadores, que exercem, em seu nome, o seu ministério. São Paulo chama-lhes presbíteros (anciãos), hoje chamamos "padres".

- Fazem com o Bispo de quem são cooperadores um **colégio**, com as mesmas exigências de comunhão e de missão do colégio dos Bispos, sucessores dos Apóstolos.

3.2. O seu poder de anúncio da Palavra e de celebrar os sacramentos é o do Bispo. Podem fazer tudo o que o Bispo faz e os envia a fazer. Só não podem impor as mãos, comunicando esse ministério a outros. Eles são, no seio do Povo de Deus, a presença da graça do sacerdócio apostólico.

4. No ministério do sacerdócio apostólico vence-se a dicotomia do Antigo Testamento entre palavra profética e celebração do culto, porque Cristo é o único Profeta e Sacerdote. A Palavra e o sacrifício são elementos constitutivos da Liturgia da Igreja.

5. Questões para reflexão:

5.1. *Como vemos realizado este mistério do sacerdócio apostólico na vida actual da Igreja?*

5.2. *É o momento de formular questões concretas para esclarecimento.*